



RELATÓRIO PARTICIPATIVO DA SOCIEDADE CIVIL SOBRE OS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

Convenção Sobre os Direitos da Criança (CDC)

Autores: Crianças e Adolescentes dos Estados de Pernambuco, Bahia,
Rio de Janeiro, Ceará e São Paulo.



CEDECA
RIO DE JANEIRO
Centro de Defesa dos Direitos da Criança
e do Adolescente

RELATÓRIO PARTICIPATIVO DA
SOCIEDADE CIVIL SOBRE OS
DIREITOS DA CRIANÇA E
DO ADOLESCENTE



**Precisamos falar mais
sobre racismo, sobre
preconceito, como
nos olham, como
julgam... não temos
lugares para fazer
isso, a escola não fala
dessas coisas.**

Menina, 15 anos.



REALIZAÇÃO:

CEDECA RIO DE JANEIRO

COORDENAÇÃO-GERAL DO PROJETO:

Pedro Pereira (CEDECA RJ)

Clayse Moreira (CEDECA RJ)

APOIO:

KINDERNOTHILFE (KNH) - Regional SE/CO

Estado da Bahia e Regional Nordeste

PARCERIAS:

**ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS CENTROS DE DEFESA DOS DIREITOS
DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE - ANCED (SEÇÃO DCI BRASIL)**

MISEREOR

PESQUISADORA:

Thayane Fernandes

COORDENAÇÃO DA PESQUISA:

Michelle Gueraldi (Consultora)

ORGANIZAÇÕES PARTICIPANTES:

Cervac - Centro de Reabilitação e Valorização da Criança (Recife-PE)

Grupo Curumim - Recife - PE.

Acari - Associação Civil de Articulação para a Cidadania (Petrolina - PE).

Cipó - Comunicação Interativa (Bahia)

MOC - Movimento de Organização Comunitária (Bahia)

Instituto Aliança com o Adolescente (Bahia)

Avante Educação e Mobilização Social. (Bahia)

Instituto Terre des Hommes Brasil (Fortaleza - CE)

Ficar de Bem (São Paulo)

Núcleo Espiral (São Paulo)

Fundação Angélica Goulart. (Rio de Janeiro)

CEDECA RIO DE JANEIRO - Centro de Defesa dos Direitos da Criança
e do Adolescente - Rio de Janeiro.

Apresentação CEDECA Rio de Janeiro

O presente “Relatório de Pesquisa sobre a Situação dos Direitos da Criança e do Adolescente” faz parte do Projeto “Relatório Alternativo em relação ao cumprimento da Convenção sobre os Direitos da Criança - CDC pelo Estado Brasileiro” apoiado por KINDERNOTHILF – KNH Brasil (Regional SE/CO e estado da Bahia e Regional Nordeste), em parceria com a Associação Nacional dos Centros de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente – ANCED (SEÇÃO DCI BRASIL) e MISEREOR.

A Constituição Federal de 1988, a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança de 1989, ratificada pelo Brasil em 1990 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) abriram um espaço de transformação sociojurídica na área dos direitos da criança e do(da) adolescente. Esses instrumentos legais materializaram, com a força imperativa da vontade estatal, os anseios da sociedade brasileira por justiça, democracia e direitos humanos para crianças e adolescentes.

Avanços foram alcançados no Brasil desde 1990 até 2015. Entretanto, desde 2016 o país passou a vivenciar uma série de decisões do governo federal que originaram o descumprimento dos compromissos nacionais e internacionais relativos aos direitos de crianças e adolescentes.

Importa citar as mais relevantes: redução significativa de recursos financeiros para a implementação de políticas públicas dirigidas às crianças e adolescentes; planos, programas e ações dirigidas à redução ou eliminação do atendimento a crianças e adolescentes em situação de risco ou de vulnerabilidade.

Foi no período de 2018-2022 que a situação atingiu as maiores violações de direitos de crianças e adolescentes. O Brasil viveu e ainda vive tempos difíceis de extrema gravidade e retrocessos.

Crianças e adolescentes negros, indígenas, quilombolas, deficientes, transgêneros, ciganos, refugiados, em situação de rua, moradores(as) do campo, adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas de internação ou em meio aberto, abusadas(os) sexualmente, com problemas de segurança alimentar, bebês de mães

adolescentes, em situação de trabalho infantil e trabalho forçado, adolescentes usadas(os) com fins de tráfico sexual, sem creches ou sem pré-escola, enfim as violações se tornaram ainda mais assustadoras. Vale destacar que sobre as crianças e jovens indígenas, a situação foi de extermínio, particularmente dos povos indígenas Yanomami.

Para ilustrar essa trajetória, cito Joseph Brodsky, prêmio Nobel da Literatura, em 1987, como paraninfo da Universidade de Michigan:

“O mundo que vocês haverão de adentrar, e em que passarão a existir não tem boa reputação. [...] ele continua a ser muito mais atraente visualmente que do ponto de vista social, econômico e cultural.[...]”

A análise de Brodsky é muito pertinente, pois 36 depois, no Brasil, em 2023, as situações que atingiram as crianças e adolescentes no que se refere à fome, à violência letal, à violência sexual (abuso e exploração), à violência física e doméstica, à exclusão das escolas e do atendimento à saúde, no período de 2018-2022, em especial durante a pandemia da COVID-19, pode ser verificado neste exaustivo relatório

alternativo apresentado pelo Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente – CEDECA Rio de Janeiro, em parceria com a ANCED.

Entretanto, em 2023, o Brasil elege um Governo federal democrático e respeitoso dos direitos de crianças e adolescentes. Portanto, após a vivência do enfrentamento de situações atroz e violentas, é possível vislumbrar uma ressurreição, na qual devem se comprometer todas as forças presentes voltadas para a paz, a restauração dos direitos da criança e do adolescente, da justiça e da democracia.

Agora é tempo de esperar. Mas a esperança pode ser um sentimento muito perigoso quando as decisões dos dirigentes políticos valorizam a impunidade e não garantem os direitos daqueles e daquelas que passaram fome, morreram por falta de assistência médica adequada, foram excluídas das escolas, perderam seus empregos, enfim continuaram ou foram excluídos de seus direitos de cidadania. Assim, a eleição histórica de Luiz Inácio Lula da Silva trouxe ao Brasil uma esperança, uma imensa esperança.

Logo, os princípios e os valores propostos pelo Estado brasileiro na década de 1980, precisam mais do que nunca, ser desenvolvidos. Não se pode contar com a indiferença, pois ela pode ser a pior das atitudes. É preciso incentivar a capacidade de se indignar e como consequência adotar o compromisso de contribuir para as mudanças necessárias.

Há questões fundamentais e desafiadoras: Inicialmente, reconhecer que no Brasil existe uma distância imensa entre os mais pobres e os mais ricos. Esta é uma questão pendente no país e que mereceria ser bastante aprofundada. É possível conseguir alguma mudança? Outra questão importante se refere aos direitos humanos e o desenvolvimento ambiental. Importa ainda assinalar que mais do que nunca é preciso agir em rede e aproveitar todos os meios modernos de comunicação.

É preciso garantir essa grande travessia. Todas e todos brasileiras (os) precisam estar envolvidos para a retomada dos direitos humanos de crianças e adolescentes brasileiros. Todas e todos brasileiras(os) precisam mostrar sua indignação com a situação vivenciada pelas crianças e adolescentes e as famílias dos segmentos mais vulnerabilizados.

Por tudo isso e muito mais, é preciso mostrar nossa indignação. Resistir e agir se queremos ser a geração que contribuiu para as mudanças dos destinos de crianças e adolescentes excluídos do direito de cidadania em termos de classe social, gênero, orientação sexual e etnia. Vamos contribuir para construção de um novo cotidiano!

Maria America Diniz Reis
Presidente do CEDECA
Rio de Janeiro

Apresentação ANCED Seção DCI Brasil)

A Associação Nacional dos Centros de Defesas - ANCED/Seção DCI Brasil, tem como objetivo articular e fortalecer a atuação local dos CEDECAs filiados e aumentar o impacto das ações destes Centros de Defesa em nível nacional, buscando assegurar a efetivação do princípio constitucional da prioridade absoluta para os direitos infanto-juvenis. As atividades da ANCED/Seção DCI Brasil são pautadas pela Constituição Federal, o Estatuto da Criança e do Adolescente, a Convenção Internacional sobre Direitos da Criança e demais instrumentos normativos de direitos humanos em nível nacional e internacional.

A ANCED/Seção DCI Brasil se faz presente em 14 estados brasileiros e no Distrito Federal, a partir da ação desenvolvida pelos mais de 20 Centros de Defesa da Criança e do Adolescente - CEDECAs filiados, que se unificam pela missão de proteção jurídico-social de direitos humanos de crianças e adolescentes. A ANCED/Seção DCI Brasil

configura-se como sujeito do sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente, em especial dos eixos de defesa e controle da efetivação dos direitos.

A sua Missão visa contribuir para a implementação integral da política de garantia dos direitos da criança e do adolescente, assegurando, em especial, o acesso à justiça para efetivação de seus direitos humanos.

Um dos principais focos e desafios de atuação da ANCED em conjunto os Centros de Defesas filiados e com diversas organizações da sociedade civil, de natureza não governamental, envolvidas na promoção, defesa e garantia dos direitos da criança e do adolescente no país têm sido o monitoramento da Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC), o que vem fazendo desde 2003, com a produção de relatórios, abordando as seguintes temáticas: sistema geral de proteção - medidas gerais de implementação; violência letal, atentados à vida, à integridade física, tortura e punições corporais; justiça Juvenil; crianças privadas de seu ambiente familiar; violação do direito à educação; violação do direito à

saúde; aplicação e execução de medidas socioeducativas; violências sexuais; exploração econômica.

Esperamos que essa publicação possa contribuir com o fortalecimento da reflexão e o diálogo ampliado para a construção coletiva do relatório da sociedade civil sobre a implementação da Convenção sobre os Direitos da Criança no Brasil.

**COORDENAÇÃO COLEGIADA DA ANCED
(SEÇÃO DCI BRASIL)**

CEDECA Pe. MARCOS PASSERINI (MA)

María Ribeiro

CEDECA ZUMBI DOS PALMARES (AL)

María das Graças Bezerra

CEDECA INTERLAGOS (SP)

Djalma Costa



Apresentação Kindernothilfe

A Kindernothilfe (KNH) é uma organização internacional pelos direitos da criança e do adolescente com valores cristãos. Como parte ativa da sociedade civil global, está aberta a todos os seres humanos, valorizando suas diversidades.

Até 2020, a Kindernothilfe na Alemanha e suas filiais na Áustria, Suíça e Luxemburgo protegeu, acompanhou e reforçou os direitos de 1,9 milhões de crianças e jovens através de 566 projetos em 33 países da África, Ásia, América Latina e Europa.

Com seus parceiros locais a KNH contribui para somar esforços na prevenção e enfrentamento de violências contra crianças e adolescentes e na garantia de seus direitos.

No Brasil, a KNH coopera com organizações sociais locais através de projetos para que crianças e adolescentes, suas famílias e comunidades possam conhecer e defender seus direitos e construir um Bem Viver.

A KNH acredita que para haver mudanças e transformações para a garantia de direitos e da não violência contra as

crianças e adolescentes é preciso identificar e conhecer as causas que geram essas violações e violências para conseguir planejar boas estratégias e envolver os principais atores para mudar os cenários.

Neste processo de mudanças, mais do que um direito, a participação de crianças e adolescentes especialmente nos assuntos que lhes dizem respeito, é um objetivo, meta e princípio para a KNH. Nesta perspectiva, elas são ouvidas e suas opiniões e ideias são levadas em consideração para os processos de tomadas de decisões. E é neste sentido que o Enfoque de Direitos da Criança e do Adolescente é a expressão própria da identidade e o alicerce do trabalho da KNH, não sendo diferente em nosso interesse para apoiar essa pesquisa sobre a situação dos direitos das crianças e adolescentes no Brasil.

As crianças e adolescentes foram envolvidas no processo para aprofundarmos sobre o que sentem, sabem e sofrem em relação a si mesmas, mas especialmente sobre seus direitos seja na família, na escola e na comunidade.

Assim, os resultados desta pesquisa e do trabalho realizado para a escuta de crianças e adolescentes, revela mais uma vez que o caminho para garantir seus direitos, em especial, desenvolverem-se com dignidade e sem violências, é extremamente desafiador e que necessita de um trabalho articulado e integrado de vários atores sociais, públicos e privados, assim como já preconizado pelo Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente.

Trabalhar com enfoque de direitos promovendo a participação significativa de crianças e adolescentes é mais do que abrir espaços para que elas tenham voz. É preciso que todos esses atores trabalhem para que as crianças, adolescentes, suas famílias e comunidades não somente conheçam seus direitos, tenham um exercício contínuo de fazer valer os mesmos, mas principalmente que as crianças e adolescentes sejam incluídas desde o planejamento, implementação, monitoramento e avaliação das atividades e ações tanto institucionais quanto na rede, na comunidade, na escola, na política, nos movimentos e entre outros espaços para a efetivação de seus direitos e na prevenção de violências. Por isso, significa

também que a criança e o adolescente devem ser atores ativos deste trabalho articulado e integrado para se chegar às mudanças necessárias.

E é neste sentido, que esperamos que os resultados dessa pesquisa possam além de subsidiar a formulação e implementação de estratégias e políticas que garantam o pleno desenvolvimento das crianças e adolescentes, elas sejam também atores ativos do processo de construção de mudança.

Christiane Rezende
KNH Brasil
Coordenação Nacional das regiões
sudeste e centro-oeste e
estado da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	23
1. QUALIFICANDO A METODOLOGIA: COMO O RELATÓRIO FOI PRODUZIDO?	29
2. A VIDA PELOS OLHOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO BRASIL: ESCUTAR PARA COMPREENDER E PROTEGER	37
2.1. MENSURANDO O ALCANCE DA PESQUISA	38
2.1.1. PERFIL SOCIOECONÔMICO DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES	38
3. QUESTÕES CENTRAIS RESPONDIDAS NAS ESCUTAS - EIXO IDENTIDADES	49
EIXO CUIDADO E PROTEÇÃO	67
CONCLUSÃO	92



INTRODUÇÃO

Treze anos passaram desde a elaboração do último Relatório Participativo sobre os Direitos da Criança e do Adolescente, organizado pela sociedade civil e apresentado ao Comitê de Direitos da Criança da ONU. Ocorreram muitas mudanças sociais, econômicas, políticas e sobretudo tecnológicas no Brasil neste período, que afetaram diretamente as relações sociais como um todo e conseqüentemente a situação das crianças e adolescentes (C/A).

Além do surgimento de novas gerações e dinâmicas nesse intervalo de mais de uma década, nos últimos dois anos, o contexto mundial da pandemia foi fortemente prejudicial ao desenvolvimento de crianças e adolescentes no país, notadamente no que diz respeito à violência, acesso à educação, saúde, insegurança alimentar, e outros aspectos da vida em sociedade.

Este público, que representa 33% da população brasileira, e mais de 70 milhões de pessoas (ABRINQ, 2021),¹ é constituído por crianças e adolescentes que possuem discursos elaborados (respeitando, evidentemente, as diferentes faixas etárias) sobre si, sua família, escola, comunidade e meio sociocultural que estão inseridos/as/es, mesmo que estes não sejam visibilizados. Não deixando de reconhecer a criança como ser em desenvolvimento, com necessidades inerentes ao seu período etário, que precisa de proteção e assistência, mas preservando sua liberdade de opinião.

Partindo desse ponto de vista, o intuito do Relatório Participativo realizado foi promover um processo de escuta em colaboração com as organizações parceiras de KNH visando obter dados sobre a situação das crianças e adolescentes brasileiros desde suas próprias palavras, por meio de inúmeras linguagens; este relatório representa um mergulho, ainda que pouco profundo, em seus universos.

¹ https://fadc.org.br/sites/default/files/2022-03/cenario-da-infancia-e-adolescencia-no-brasil-2022_0.pdf.

Nesse sentido, o enfoque deste relatório está direcionado ao componente social Identidade, mais especificamente voltado às Marcações Identitárias,² e suas relações com as noções de Cuidado e Proteção, demarcadas com a finalidade de acessar percepções e violações em relação ao que pauta a Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC).

Pois, apesar das discussões políticas, sociais e culturais difundidas no país sobre identidade étnica, racial e de gênero por exemplo, ainda são escassos dados de pesquisas que revelem o que pensam, sentem e conhecem as crianças e adolescentes, sobre essas temáticas que os afetam de formas distintas no cotidiano, desde uma visão condizente com a lógica da defesa dos direitos humanos.

Assim, o que norteia essencialmente este relatório é a Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC), especificamente o artigo 12:

² Marcações identitárias são um termo usado para definir modos de identificação que são atribuídos a pessoas ou grupos de pessoas, tais como gênero, orientação afetivo-sexual, raça, classe social etc. Essas “marcas” ou demarcações sociais são vistas como categorias nas quais as pessoas são socialmente identificadas. A partir delas, determinados grupos de pessoas sofrem mais processos discriminatórios, como LGBTQIA+1, mulheres e homens negros, indígenas etc. (PROMUNDO, 2020).

Os Estados partes garantem à criança com capacidade de discernimento o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre as questões que lhe respeitem, sendo devidamente tomadas em consideração as opiniões das crianças, de acordo com a sua idade e maturidade.

O artigo pontua que a criança e o adolescente têm o direito de participar não apenas da vida política, mas, também, da vida sociocultural do país.

É indispensável ressaltar que identidade não é entendida aqui como um conceito estático, independente; é um componente social complexo, dinâmico e mutável. Por conseguinte, buscou-se ver crianças e adolescentes como sujeitos com identidade independente dos pais, qualificando-os como protagonistas do relatório através do exercício do direito à Participação. Pois, na maior parte das vezes, este direito ainda é assimilado como uma ação que tem como central a perspectiva do adulto sobre a C/A.

Como apontou uma adolescente participante das escutas:

Precisamos falar mais sobre racismo, sobre preconceito, como nos olham, como julgam... não temos lugares para fazer isso, a escola não fala dessas coisas....

Menina, 15 anos.

Assim, compreende-se neste relatório que as variadas identificações que perpassam a constituição do sujeito ao longo da vida aglutinam consigo diversas marcações, sejam elas raciais, de gênero, etnia, território, classe, entre outras.

Para acessar as realidades vividas por crianças e adolescentes num país estruturalmente racista, onde mais da metade da população é negra, não se pode simplesmente ignorar a raça. Tais C/A são as vítimas mais frequentes de inúmeros casos de violência, abandono e violações de direitos (ABRINQ, 2022),³ o que exige uma abordagem interseccional para condução e confecção do relatório.

³ Segundo dados recentes do Cenário da Infância e Adolescência o Brasil, produzido pela Fundação Abrinq. Disponível em: https://fadc.org.br/sites/default/files/2022-03/cenario-da-infancia-e-adolescencia-no-brasil-2022_0.pdf. Acesso em: 15 nov. 2022.

Ademais, no Brasil, as identidades são resultado da mistura de diferentes povos, portanto, é necessário conhecer o que vivenciam, pensam e conhecem para que seus direitos sejam garantidos, bem como para a construção de uma sociedade que reconhece e valoriza sua diversidade interna e a história das populações que mais sofrem violências.

1. QUALIFICANDO A METODOLOGIA: COMO O RELATÓRIO FOI PRODUZIDO?

No tocante à abordagem metodológica, o relatório optou por realizar uma pesquisa qualitativa, com métodos de coleta de dados quantitativos e qualitativos. Doze organizações parceiras de KNH¹ de cinco estados brasileiros subsidiaram a construção deste relatório.

No estado de Pernambuco participaram as organizações:

Cervac – Centro de Reabilitação e Valorização da Criança, direcionado ao cuidado de crianças e adolescentes com deficiência, localizado em Recife.

Grupo Curumim – é uma ONG feminista que desenvolve projetos de fortalecimento da cidadania das mulheres em todas as fases de suas vidas, localizado em Recife.

Acari – Associação Civil de Articulação para a Cidadania, localizada em Petrolina.

No estado da Bahia, todas as organizações estão localizadas em Salvador, com projetos em diversas comunidades espalhadas pelo município.

Cipó – Comunicação Interativa.

MOC – Movimento de Organização Comunitária.

¹ Com exceção do Grupo Curumim (PE).

Instituto Aliança com o Adolescente.

Avante Educação e Mobilização Social.

No **Ceará**, as escutas foram realizadas em Fortaleza:

Instituto Terre des Hommes Brasil.

Em São Paulo,

Ficar de Bem.

Núcleo Espiral.

No estado do **Rio de Janeiro**:

Fundação Angélica Goulart.

Cedeca/RJ – Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente do Rio de Janeiro.

Ao todo, 134 crianças e adolescentes participaram das atividades das escutas que subsidiam esse Relatório Participativo.² Tais foram realizadas entre os meses de setembro e outubro, no formato de dois encontros, a partir dos eixos temáticos “Proteção e cuidado” e “Identidades”, abordados em momentos distintos. Considerou-se três contextos, quando aplicáveis às realidades das C/A:

² As citações referentes às falas das C/A não seguirão uma padronização estrita, para preservar as identidades dos/as participantes. Contudo, todos os nomes utilizados são verdadeiros.

1. **FAMILIAR** (*desde o entendimento do que é e/ou se expressa enquanto família para a C/A*);
2. **COMUNITÁRIO** (*refletindo sobre o que é/ou a C/A entende e o que se expressa enquanto comunidade*);
3. **ESCOLAR** (*se for aplicável*).

No desenvolvimento das atividades foram consideradas prioritariamente as perspectivas das crianças e adolescentes vinculadas a:

- a) **Proteção** – diz respeito à esfera pública, a percepção de segurança e proteção dos direitos contra violência, abusos.
- b) **Cuidado** – ao falar sobre cuidado, refletiu-se sobre as dimensões da esfera privada onde a C/A está inserida.
- c) **Identities** – tomou-se como pressuposto o fato de que toda C/A possui uma identidade (gênero, racial, étnica). A identidade nunca é completa, é gestada e transformada ao longo da vida e construída em diálogo com o meio.

Qualitativamente, para coletar os dados, foram realizadas rodas de conversa, dinâmicas grupais, desenhos coletivos, contação de histórias, cinedebates, jogos, dinâmicas corporais, entre outras atividades que permitissem às C/A se expressarem de forma mais livre e confortável, de acordo com as práticas das organizações.³ Pois acredita-se

³ Foram realizados registros fotográficos das escutas sob autorização dos pais/ou responsáveis por meio de um termo de responsabilidade e uso de imagem, disponibilizado pelo Cedeca/RJ e KNH.

fortemente na competência e experiências das equipes para conduzir as escutas de forma mais fluida, ética e responsável. Assim, houve uma vasta gama de recursos metodológicos utilizados visando promover a fala das crianças e adolescentes, respeitando suas diversidades e limites.



Adolescentes do Grupo Curumim realizando uma dinâmica no primeiro dia de atividade das escutas.

Recife – Brasil, 2022.

Quatro grupos etários foram estabelecidos para a seleção das C/A: 1. 4-6 anos; 2. 8-10 anos; 3. 11-14 anos; 4. 15-18 anos.

Elaboraram-se dois conjuntos de perguntas vinculadas aos eixos temáticos “Proteção e cuidado” e “Identidades”.⁴ Para crianças do grupo etário 1, as perguntas foram reduzidas, visando acompanhar a capacidade de elaboração concernente à sua maturidade.

⁴ Crianças do grupo etário 1 responderam às perguntas 1, 2 e 3, quando aplicável.

No momento da realização das escutas, foi solicitado às organizações que reproduzissem o vídeo elaborado pela antropóloga Thayane Fernandes, responsável pela confecção do relatório, contendo a apresentação do que consistiria as escutas e sobre a importância da participação dos grupos.



**Adolescentes assistindo ao vídeo explicativo
sobre as escutas e o Relatório Participativo.
Recife - Brasil, 2022.**

Crianças e adolescentes dos grupos etários 2, 3 e 4 responderam às seguintes perguntas:

Referente ao eixo temático “Identidades”:

1. O que a C/A pensa sobre o seu corpo e o dos demais?
 - 1.2 A C/A entende o que é racismo? Saber se a C/A já viveu alguma situação de racismo.
2. O que a C/A pensa sobre papéis de gênero?

Referente ao eixo temático “Proteção e cuidado”:

1. Qual o lugar que mais gosta de estar? Explorar quais as razões.
2. Qual o maior medo que a C/A tem na vida?
3. O que é mais difícil na sua vida?
4. Se fosse presidente do Brasil e pudesse mudar algo, o que faria?
5. Qual a pessoa que mais confia/sente segurança, dentro e fora de casa?
6. Qual foi o momento mais feliz da vida dela?⁵

⁵ Todas as perguntas foram seguidas por comentários elaborados pela antropóloga responsável pela pesquisa, contendo direcionamentos para a condução das escutas, visando a resultados mais sistemáticos.

Em se tratando dos aspectos quantitativos, o relatório dispôs de questionário contendo perguntas fechadas⁶ de cunho socioeconômico, conjuntura familiar e identidades, aplicado no segundo encontro.⁷

Isso nos permite, com os depoimentos das crianças e adolescentes, acessar de forma mais densa a diversidade de contextos concernentes a cada estado, considerando os perfis das organizações e dos/as/es participantes atendidos por cada um dos projetos. Possibilitando a criação de um panorama sobre as noções que eles/as possuem, as participações que acessam, e as violações que sofrem quando se trata de direitos e marcadores identitários. Como por exemplo ficou destacado na fala de uma adolescente nordestina sobre a roda de conversas realizada em um dos dias das escutas:

O cartaz que a gente fez fala sobre o que a gente pensa sobre os nossos corpos e o que a sociedade pensa também, a gente pensou em colocar várias partes diferentes de corpos das meninas, inclusive daqui do Curumim, como um cabelo cacheado, enroladinho, um ondulado, liso e dread. A gente planejou fazer um corpo bem fora do padrão, que é para mostrar mesmo o que a gente passa, o que a gente sente, o que a sociedade fala sobre os nossos corpos e mostrar, também, que ser diferente é lindo e maravilhoso.

Menina, 14 anos.

⁶ Em dois encontros realizados pelo Cedeca/RJ e KNH, as organizações receberam direcionamentos gerais para a aplicação dos questionários. No caso das crianças consideradas inaptas para responder a determinadas perguntas do questionário, instruiu-se que a opção “não se aplica” fosse assinalada pela equipe responsável.

⁷ O questionário completo pode ser encontrado no Anexo 1, ao final do relatório.

Diante da proposta de trabalhar com identidades, solicitamos às organizações que, se possível, os diferentes tipos de conteúdo a serem compartilhados nas atividades das escutas com as crianças e adolescentes tivessem como protagonistas personagens pretos/as, pardos/as, indígenas, ou de grupos étnicos minoritários e/ou considerando a diversidade de gênero, étnica e racial. Além da prioridade de execução das escutas por pessoas das equipes que fossem pretas, pardas ou indígenas.

Também foram incorporados nove requisitos importantes para processos participativos com crianças e adolescentes (Cedeca/RJ/KNH).

1. Transparente e informativa; 2. Voluntária; 3. Baseada no respeito; 4. Relevante; 5. Apropriada à idade da criança/adolescente; 6. Inclusiva; 7. Acompanhada da capacitação dos adultos; 8. Segura e consciente dos riscos existentes; 9. Responsável e com prestação de contas (*feedbacks*).

2. A VIDA PELOS OLHOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO BRASIL: ESCUTAR PARA COMPREENDER E PROTEGER



**Ana Clara, criança participante das escutas.
Bahia - Brasil, 2022.**

2.1. MENSURANDO O ALCANCE DA PESQUISA

2.1.1. Perfil socioeconômico das crianças e adolescentes

Como mencionado anteriormente, quatro grupos etários compuseram a amostra da pesquisa realizada para subsidiar o Relatório Participativo. Ao todo, 134 crianças e adolescentes participaram da pesquisa, entre os quais 44% possuem entre 15 e 18 anos; 23,9%, 11 e 14 anos; 22,4%, de 8 a 10 anos; e 9,7% têm entre 4 e 6 anos, como pode ser observado na tabela a seguir:

		Idade			
		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	4 - 6 anos	13	9,7	9,7	9,7
	8- 10 anos	30	22,4	22,4	32,1
	11 - 14 anos	32	23,9	23,9	56,0
	15 - 18 anos	59	44,0	44,0	100,0
	Total	134	100,0	100,0	

A pesquisa qualitativa tem como característica sua maleabilidade e flexibilidade diante das situações que podem ocorrer num processo de investigação científica com pessoas. Por essa razão, ao final das escutas, foi notório que o **maior percentual** de crianças e adolescentes ouvidos são oriundos de estados da **Região Nordeste do Brasil**, o que corresponde a 58,2% da amostra, totalizando 78 participantes. Enquanto 41,8% estão na Região Sudeste. A distribuição de crianças e adolescentes por estado é a seguinte: **32 Pernambuco; 37 Bahia; nove Fortaleza; 31 São Paulo e 25 Rio de Janeiro.**

Em relação ao espaço social em que vivem, 82,1% (110) reconhecem morar em um contexto urbano, enquanto 11,2% (15) percebem o local que vivem como rural, 3,7% (cinco) declararam não saber e a pergunta não se aplica a 2,2% (três) dos/as participantes.

Diante desses contextos, julgou-se oportuno e necessário conhecer a situação dos lares em que vivem essas crianças e adolescentes, pois, a casa é o principal ambiente em que a C/A costuma socializar, sendo a família responsável por sua integridade física e moral e educação.

Como explica um adolescente acerca da sua concepção e importância da família:

**são pessoas que te acolhem na vida, que apoie tudo
que você faça, que seja refúgio depois de um dia ruim.
São pessoas em que você pode confiar.**

Isaac, 2022.

Por tal razão, foram elaboradas três perguntas que abordam a quantidade de pessoas que vivem na mesma casa que a C/A, o tipo de imóvel e a relação econômica dos moradores com o mesmo, e a situação conjugal dos pais.

Os resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad) 2019, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que

66,4% dos lares brasileiros são próprios.⁸ Tais dados estão em sintonia com os resultados do Relatório Participativo, que apontam um total de 59,7% (80) vivendo em casa ou apartamento próprio; 27,6% (37) em casa ou apartamento alugado; 7,5% (10) em imóvel cedido; 1,5% (dois) não tem conhecimento sobre; 0,7% (um) não soube responder e 2,2% (três) não se aplica.

Onde_vive

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Casa/apto alugado	37	27,6	27,6	27,6
	Casa/apto próprio	80	59,7	59,7	87,3
	Casa/apto cedido	10	7,5	7,5	94,8
	Instituição	1	,7	,7	95,5
	Não sei	2	1,5	1,5	97,0
	Prefiro não responder	1	,7	,7	97,8
	Não se aplica	3	2,2	2,2	100,0
	Total	134	100,0	100,0	

Quase metade das crianças e adolescentes vive numa residência que abriga entre três a cinco pessoas, o que corresponde percentualmente a 47% (63); 28,4% (38) entre uma a três pessoas; 15,7% (21) dividem lar com cinco a oito pessoas e 9% (12) moram com mais de oito pessoas. A adolescente Mikaely destaca sua percepção sobre o que é comunidade, afirmando que **“comunidade é um conjunto de pessoas que vêm do mesmo lugar e possuem a mesma vivência”**.

⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/02/15/censo-da-moradia-70percent-dos-brasileiros-moram-em-imoveis-proprios-diz-quintoandar.ghtml>. Acesso em: 15 nov. 2022.

Para compreender melhor a vida das C/A é necessário saber de suas situações familiares. Logo, de acordo com dados do Colégio Notarial do Brasil (CNB),⁹ em 2021 o Brasil bateu o recorde de separações; foram registrados 80.573 divórcios em 2021, o maior número desde 2007 e exatamente durante a pandemia da Covid-19. Segundo dados fornecidos pelas crianças e adolescentes a respeito da situação conjugal dos pais, mais da metade das respostas apontaram para uma situação em comum: a maioria das C/A vive somente com um dos pais em suas casas, o que corresponde a 56,7%.

Alguns depoimentos de crianças e adolescentes enfatizam a relação familiar como um fator difícil em suas vidas, principalmente aqueles que vivem com mães solo. Ao falar sobre momentos felizes, o adolescente *Alessandro, de 16 anos*, pontua: *(que era feliz)* **“Quando minha família ainda estava unida e meu pai não tinha largado à própria sorte”**. Se tratando da proteção e confiança, *Vitória, 14 anos*, diz: **“Confio na minha mãe, porque desde de pequena eu só tenho ela, e ela só tem a mim”**.

Entretanto é importante ressaltar que, ao olhar por um viés distinto, 31,3% (42) possuem pais/mães casados que vivem na mesma casa; 27,6% (37) têm pais/mães separados vivendo em casas separadas; 26,9% (36) convivem com mães solo; 3,7% (cinco) não souberam responder; 3% (quatro) possuem pais/mães separados, mas que convivem na mesma casa; 2,2% preferiram não se pronunciar; 1,5%

⁹ Disponível em: <https://ibdfam.org.br/noticias/9577/Brasil+bate+recorde+de+div%C3%B3rcios+em+2021%2C+segundo+pesquisa+do+CNB>. Acesso em: 14 nov. 2022.

(dois) possuem pais/mães viúvos/as; 0,7% (um) os pais estão casados vivendo em casas separadas e não se aplica a 3% (quatro).

As crianças e adolescentes responderam a pergunta sobre o grau de escolaridade dos seus pais. Assim sendo, a maioria 23,9% (32) possui Ensino Fundamental incompleto; 19,4% (26) cursaram todo o Ensino Médio e 6,7% (nove) não concluíram; 6% (oito) possuem Ensino Fundamental completo. Enquanto 5,2% (sete) possuem ensino superior completo e 3% (quatro) ingressaram, sem concluir; 2,2% (três) possuem pós-graduação; 21,6% (29) não souberam responder; 4,5% (seis) preferiram não responder e a pergunta não se aplicou a 3,7% (cinco).

O Relatório contemplou 87 crianças e adolescentes do sexo feminino (64,9%) e 47 do sexo masculino (35,1%). No que tange às questões sobre gênero e orientação sexual, compreende-se que ambos são construídos social e culturalmente, e, por essa razão, as diretrizes indicadas às organizações tratavam de abordar a questão somente com aquelas C/A que as equipes avaliassem com aptidão para tal. Logo, a questão não foi aplicável a 32,8% (44) dos/as participantes.

À vista disso, 43,3% (58) se reconhecem como mulher cisgênero, 17,2% (23) homem cisgênero, 1,5% (dois) não binários, 0,7 (um) gênero fluido; 2,2% (três) preferiram não responder e 2,2% (três) não souberam informar.

		Gênero			
		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Mulher cisgênero	58	43,3	43,3	43,3
	Homem cisgênero	23	17,2	17,2	60,4
	Não binário	2	1,5	1,5	61,9
	Fluido	1	,7	,7	62,7
	Não sei	3	2,2	2,2	64,9
	Prefiro não responder	3	2,2	2,2	67,2
	Não se aplica	44	32,8	32,8	100,0
	Total	134	100,0	100,0	

No tocante à orientação sexual, quase metade das C/A considera-se heterossexual 44% (59); 3,7% homossexual (cinco); 14,2% bissexual (19); pansexual 3% (quatro); não sabem 2,2% (três); 0,7% (um) prefere não responder e a pergunta não se aplica a 32,1% (43).

A pergunta sobre orientação sexual não se aplicou a 43 C/A, por algumas razões como ausência de conhecimento relacionado às temáticas. Assim, julgou-se necessário pormenorizar a intersecção entre as variáveis idade e orientação sexual. A maior parte das respostas, o equivalente a 59 participantes, foi dada por adolescentes com idades entre 15 e 18 anos, que se declaram majoritariamente heterossexuais (38), bissexuais (13), homossexuais (cinco) e pansexuais (três). Entre as crianças e adolescentes de 11 a 14 anos, 13 afirmaram ser heterossexuais, seis bissexuais, um pansexual e dois não souberam responder.

Nas escutas, foi percebido que adolescentes têm dificuldade em estabelecer relação de confiança com os pais para discutir sobre sexualidade e identidade de gênero. Dewanda, 14 anos, contou o seguinte sobre sua identidade de gênero:

Eu não confio em ninguém na minha casa, porque eu não me sinto segura com minha mãe e nem meu pai. Mas assim, fora de casa eu posso contar com uma pessoa que não vai me julgar, Yasmim, essa é a minha melhor amiga, e a minha tia, que foi uma das primeiras pessoas que eu contei que eu era uma pessoa trans não binária, e ela falou, não importa o que você seja, vou continuar do seu lado e isso me fortaleceu. São elas que eu realmente confio fora de casa, e me sinto segura porque elas cuidam de mim.

É preciso que as C/A compreendam as diversidades socioculturais como parte da sociedade, para que possamos construir um mundo mais justo e igualitário, onde frases como a seguinte sejam menos frequentes:

Os dois são a mesma coisa e tipo meio que tem o mesmo direito, mas tipo assim é meio embaçado um homem, que é homem mesmo tipo, pinta a unha, o cabelo, essas coisas (sic).

Pedro, adolescente.

A autodeclaração racial por parte das crianças e adolescentes foi incorporada ao Relatório Participativo pelas equipes encarregadas de realizar as escutas e aplicação dos questionários conforme diretrizes elaboradas pela pesquisadora responsável.

Abordar o aspecto da Participação na vida de crianças e adolescentes relaciona-se diretamente à discussão sobre a autonomia disposta às C/A na criação de discursos sobre si.

Nesse sentido, os dados indicam que 84,3% das crianças e adolescentes se declaram negras, sendo 43,3% pretas e 41% pardas; 10,4% consideram-se brancas e 0,7% indígena; 0,7% afirma não saber e esta pergunta não se aplica a 3,7% dos/as participantes.

Conhecer, identificar-se e apropriar-se da sua raça é fundamental para que crianças e adolescentes possam refletir sobre os aspectos da vida social. No caso de adolescentes negras, é preciso apropriar-se da negritude para constituir-se subjetivamente mesmo em meio ao racismo:

Eu sofro racismo desde pequenininha porque quando eu era menor, era bem pretinha, com o tempo eu fui crescendo e clareando. Eu sou preta da pele, mas eu sofria e ainda sofro racismo, tanto na escola quanto nas ruas, por conta do cabelo, por conta do corpo, e às vezes eu mesma cometo racismo comigo mesma, porque às vezes eu não aceito a minha cor, meu cabelo, meu corpo porque eu fico querendo me encaixar como toda menina no padrão que o país, o Brasil faz. E isso é muito ruim, querer se encaixar no padrão, modificar o corpo.

Yanne, 14 anos.

No que tange à religião, um importante sistema sociocultural que orienta a vida de muitas pessoas, a maioria das crianças e adolescentes afirma ser adepta ao cristianismo. Este dado dialoga expressivamente com a situação atual do país, que possui população majoritária declarada cristã.

Resulta que, das C/A participantes do relatório, 35,8% (48) se considera evangélica, sem mencionar a denominação; seguido daquelas/es que não têm religião, 23,9% (32); adeptas/os ao catolicismo 14,9% (20); 13,4% (18) não souberam responder, 6,7% (nove) afirmaram ser candomblecistas; 2,2% (três) umbandistas; 0,7% (um) jurema; 0,7% (um) preferiu não responder e a pergunta não se aplica a 1,5% (dois).

Entre aquelas/aqueles que declararam não ter religião, 23 C/A possuem entre 15 e 18 anos, seis C/A estão em idades entre 11 e 14 anos e dois entre 8 a 10 anos. Os/as adeptos/as a religiões de matriz africana/afro-indígena possuem entre 11 e 18 anos, enquanto o cristianismo mostrou-se presente em todos os grupos etários.

Por fim, o questionário também coletou dados sobre a situação escolar das crianças e adolescentes. Assim, concluiu-se que uma maioria expressiva, 89,6% (120), frequenta a escola regularmente; enquanto 2,9% (quatro) já concluiu o Ensino Médio; 2,2% (três) não frequentam a escola; 1,5% (dois) preferiu não responder e a pergunta não se aplica a 3,7% (cinco).



**Encontro com crianças para realização das escutas.
Bahia - Brasil, 2022.**

Como foi detalhado anteriormente, as crianças e adolescentes participaram de dois dias de escutas conduzidas pelas organizações, tendo como limite a duração de até 2 horas. Tais encontros evidentemente assumiram configurações distintas, mas visaram responder às perguntas relatadas na seção metodológica que serão exploradas mais adiante.

Os recursos metodológicos utilizados foram os mais diversos, como por exemplo: vídeo de apresentação sobre o Relatório Participativo e a importância da participação; Imagens que retratam a diversidade de corpos, cabelos e raças/etnias;

dinâmica em duplas para autorreconhecimento sobre raça/etnia; roda de conversa; desenhos, episódios de séries; contação de história, jogos didáticos, entre outros.

No que diz respeito aos perfis das crianças e adolescentes, o Relatório conseguiu abarcar uma variedade interessante:

- 1.** crianças e adolescentes moradoras de área denominada “invasão”, formada majoritariamente por migrantes pobres, desenraizados de suas comunidades de origem, crianças e adolescentes de bairros periféricos;
- 2.** adolescentes com deficiência física e/ou intelectual; crianças e adolescentes moradores de áreas com recorrente violência policial, vinculadas à escolas públicas da comunidade;
- 3.** meninas e jovens moradoras de áreas periféricas em situação de vulnerabilidade social;
- 4.** crianças e adolescentes de comunidade rural; adolescentes moradores de área litorânea vivendo fortes situações de violação de direitos;
- 5.** crianças e adolescentes moradores em um dos menores índices de desenvolvimento humano, onde há o contraste de áreas de proteção ambiental e manguezais com crescimento desordenado e violação de direitos básicos;
- 6.** crianças e adolescentes contemplados pelo serviço especializado de abordagem social e adolescentes vinculados ao serviço de medida socioeducativa em meio aberto, entre outros.

3. QUESTÕES CENTRAIS RESPONDIDAS NAS ESCUTAS

EIXO IDENTIDADES

1. O que a C/A pensa sobre o seu corpo e dos demais?

A maior parte das crianças e adolescentes conseguiu elaborar e comunicar de forma satisfatória suas percepções sobre o corpo, tendo as crianças falas menos elaboradas e mais descritivas sobre seu corpo e gosto.

Quando em contato com histórias, imagens e vídeos que abordaram positivamente a diversidade racial, sobretudo de negros/as/es, as crianças demonstravam majoritariamente contentamento e identificação pela semelhança com os personagens, mencionando principalmente familiares parecidos com elas como referências. Entre as crianças participantes, algumas mencionaram o desejo de alisar o cabelo, ter outra cor de pele e olhos, conforme podemos acessar nos depoimentos a seguir:

Eu não gosto do meu cabelo, eu não gosto de nada em mim e gostaria de ser branco de cabelo liso.

Menino negro/cabelo crespo.

Tenho pele negra, cabelo cacheado.

Menina.

Arthur fica lindo quando faz prancha no cabelo.

Menina.

Gosto do meu cabelo.

Menina negra.



**Atividade de contação de histórias.
Bahia - Brasil, 2022.**

Os grupos de **adolescentes** demonstraram ter opiniões semelhantes quando se tratou de abordar o tema corpo, tão caro nesta fase da vida. Evidenciaram diversos incômodos em relação a seus corpos, mas com críticas contundentes sobre os padrões de beleza impostos pela sociedade, questionando-os. Entretanto, houve uma segmentação em relação a opiniões de meninas e meninos.

Mais da metade dos depoimentos das meninas localizavam-se entre a aceitação dos corpos e, por outro lado, o desejo de realizar mudanças estéticas para

enquadrar-se na sociedade, como cirurgias plásticas. Além disso, foram as meninas que mais falaram sobre *bullying* e violência sofridas na escola e comunidade em relação aos seus corpos e raça. A maior parte dos garotos demonstrou pouco incômodo com seus corpos em relação aos padrões sociais.

O que eu gosto em mim é o sorriso, meus olhos, meu cabelo. E o meu corpo, ele é lindo. Mesmo eu me olhando no espelho e falando “ai vc é muito magra”, é a bipolaridade né?! O que eu acho feio é o meu nariz, e as olheiras que eu tenho muito. E o meu peito. Mesmo depois de fazer a cirurgia pra tirar o caroço ainda acho ele grande.

Maria Eduarda.

O que eu penso do meu corpo é que ninguém vai gostar de mim como eu sou, eu tenho muita insegurança com o meu corpo, tenho esse medo das pessoas me julgarem por eu ser gordinha. Às vezes eu tenho um pouco de medo das pessoas fazerem preconceito sobre a cor da minha pele, mas eu gosto e acho linda a cor da minha pele e de várias outras pessoas. Eu gosto do meu cabelo, amo do jeito que é, e procuro sempre ter a minha autoestima em cima com ele, e tento sempre ajudar as pessoas a se aceitarem como elas são.

Camila, 16 anos.

Eu gosto bastante, (do corpo) mas por causa de alguns comentários eu acabo odiando ele, mas na maioria do tempo eu me amo. As pessoas querem viver a vida dos outros, querem viver os corpos dos outros, e se esquecem de viver a própria vida e se aceitar da maneira que é.

Edilane.

Também mais da metade dos/as adolescentes falou de forma positiva sobre suas características fenotípicas vinculadas à raça, ressaltando que os incômodos das pessoas por não se enquadrarem são maiores do que de fato os deles próprios.

Meu corpo, porque eu sou gorda me chamam de baleia, do meu cabelo falam que ele é ruim e que eu deveria alisar. Para mim!? Eu gosto do meu corpo do jeitinho que ele é, porque no meu corpo quem manda sou eu.

Yialodê, 13 anos.

Eu acho que as pessoas quando me veem pela primeira vez, me acham totalmente fora de padrão, também por conta que eu sou muito magra, muito magra... tem umas meninas, que eu fui em uma festa que não gostava de mim, por conta que eu sou muito magra muito magra mesmo! O meu cabelo cacheado, elas me olharam “assim”, aí depois quando estava no finalzinho da festa vieram falar comigo e acabamos pegando amizade.

Estefany, 12 anos.

Minha cor eu não gosto, queria ter a cor da minha mãe que é negra. Meu cabelo é crespo e eu gosto dele.

Larissa.

Eu gosto de ser a cor da minha pele morena, eu não ligo com a cor das outras pessoas.

Yago.

Chama atenção os grupos contemplados pelo serviço especializado de abordagem social e adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa. Quando questionados, 100% dos adolescentes não demonstraram opiniões elaboradas e contextualizadas a respeito do seu corpo ou dos demais, sobretudo em relação a identificarem-se como pessoas racializadas. Também não foi apresentado pela maioria deles/as senso crítico referente ao tema.

Eu adoro meu corpo, sou doida por ele, só não gosto do que as pessoas falam dele. Amo meu tom de pele, e acho meu cabelo incrível.

Daniely.

Eu me amo, gosto de mim intensamente e não trocaria meu corpo por nenhum outro, porque eu já tenho uma conexão favorável com ele. Eu posso fazer o que eu quiser.

Chesley.

Quando eu era criança meu cabelo era igual de índio, até que minha madrinha cortou na maquininha e ficou assim.

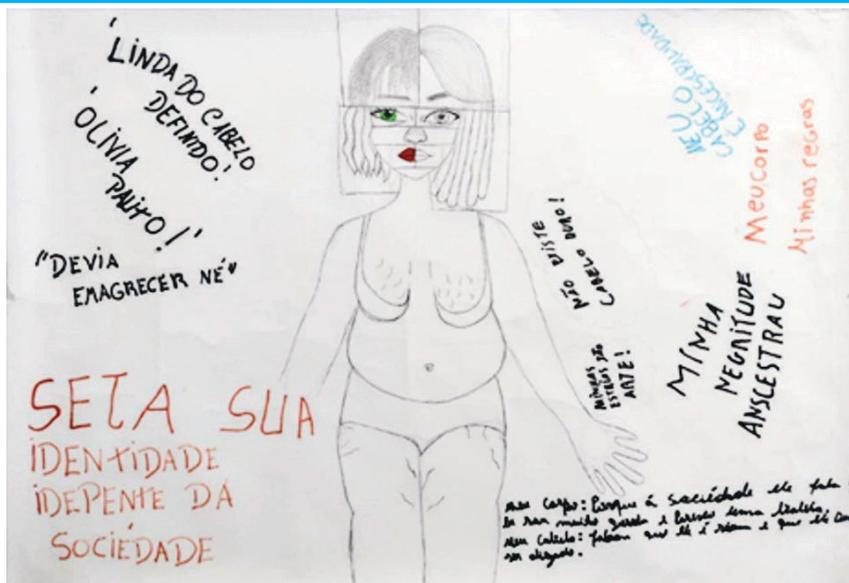
Jhonny.

Ah, eu gosto do meu corpo e do meu cabelo, não gosto de comparar com outras pessoas porque cada um é cada um. Eu nasci desse jeito e vou morrer assim.

Nicolý.

Não penso em nada.

Stefano C. de Oliveira.



Cartaz elaborado por adolescentes do sexo feminino no primeiro dia de escutas, abordando o eixo temático Identidades.

Recife - Brasil, 2022.

2. A C/A entende o que é racismo? Sabe se a C/A já viveu alguma situação de racismo?

A maior parte das **crianças** compreende, ainda que minimamente, o que é racismo, vinculando tal ação a características físicas e a noções do que é bonito ou feio. Crianças entre 4 e 6 anos não foram capazes de nomear situações de racismo, apesar de relatarem casos que são nitidamente racistas durante as escutas.

Racismo é quando uma pessoa branca não gosta de uma pessoa negra.

Menina.

Sim (sofreu racismo), um menino me chamou de negra feia. Eu fiquei abalada!

Menina.

Aqui no Projeto Vida Nova a professora não aceita.

Menino.

Entre os adolescentes, a maioria sabe o que é racismo e relatou viver inúmeras situações de violência racial frequentemente, enfatizando como motivação para a atitude racista seus traços negroides, como cabelo crespo, nariz largo e principalmente a cor da pele, mas também atitudes racistas de invisibilização e diminuição das pessoas negras pelas brancas. Adolescentes demonstraram, em geral, compreender inclusive algumas intersecções entre raça, classe e gênero.

Para mim racismo é quando a raça branca se sente superior, às outras raças no comum, à raça negra. Já vivenciei o racismo e vivo o racismo em escolas e mercados. O racismo é onde uma pessoa negra não é aceita na sociedade por sua pele e por causa da sua raça. Algumas pessoas brancas chamam o nome ridículo, ficam comparando a pessoa a algum animal. Entendo que o racismo também é a sexualidade dos corpos de pessoas negras que é bem pesado porque a pessoa negra não se sente aceita na sociedade por causa da sua pele, e para lhe ser aceita, tem que sexualizar por causa do seu corpo e por causa das coisas que as pessoas falam que pessoas negras são mais quentes. As pessoas brancas tratam pessoas negras como objeto sexual.

Yami, 13 anos.

Já vi amigos sofrendo atitudes racistas, chamando ele de cocô, de carvão.

Menino, 12 anos.

Também tem as mulheres trans negras que a maioria vive na prostituição porque não é aceita por ser trans e por ser negra. Para a vida das pessoas trans negras fica mais difícil e também a pessoa se sexualiza mais querendo ou não, porque quer ser aceita na sociedade.

Yami, 13 anos.

Preto não pode ter nada porque parece que ele não nasceu para isso.

Menino, 12 anos.



Adolescentes apresentam cartaz elaborado após discussão sobre o eixo temático Identidades.

Recife - Brasil, 2022.

Racismo para mim é uma coisa que muita gente fala, uma coisa que a gente sofre muito pela sociedade branca, que fala mal da nossa pele e que aponta o dedo para gente na rua... nós não nos achamos nesta sociedade, que parece que a gente não existe, e que a gente não devia andar pelas ruas e, sim, ficar trabalhando para ela, dentro da casa dela... Enquanto estavam conversando com os amigos passeando pelas ruas, a gente ficava em casa cuidando dos filhos deles (se referindo às pessoas brancas) e 15 anos lavando limpando.

Yialodê, 13 anos.

Você viu o congolês que mataram? Era preto. E o policial branco que matou o homem preto? Vi na TV.

Menino, 12 anos.

Eu acho que é quando alguém critica a cor da pele do outro, já aconteceu quando eu tinha 10 a 11 anos.

Jennifer.

Racismo são preconceitos que são exclusivos a pessoas com tonalidade escura.

Larissa.

Racismo é invalidar a “corpa” de uma pessoa negra. Invisibilizar, ocultar, ignorar e excluir a existência de uma pessoa negra. Racismo traz dores físicas, doenças mentais e traumas.

Isaac.

Um grupo de adolescentes com deficiência física e intelectual teve respostas distintas das demais. Os relatos que eles/elas trouxeram tiveram mais a ver com atitudes de preconceitos, por serem pessoas com deficiência ou mesmo intelectual leve, entendendo que o que sobressai aos olhos da sociedade é mais a deficiência do que a cor da pele.

3. O que a/o criança/adolescente pensa sobre papéis de gênero?

As crianças possuem interpretações bem segmentadas a respeito do que são papéis de homem e de mulher na sociedade. Destacam em seus depoimentos padrões de comportamento e estéticos relativos a ambos os gêneros, vinculando-os ao sexo, destacando a autonomia das pessoas em fazer o que desejam. Em alguns grupos, a discussão sobre papéis de gênero não surgiu como algo relevante.

Ser menina é mais fácil, porque quando batem nela alguém vem protegê-la.

Menino.

O menino não pode usar saia, porque se não vai ser aquele nome lá... Gay!

Menino.

Ser menina é legal porque tem várias coisas legais pra fazer. Porque tem muita roupa bonita, vestidos, saias.

Menina.

O homem pode ser o que ele quiser ser.

Menina.

Menina também pode fazer/ser o que quiser.

Menina.

O menino pode fazer balé.

Menino.

Em relação à opinião dos/as adolescentes, boa parte demonstrou que os papéis de gênero são moldados pela sociedade e que deveriam ser respeitados todos e todas, bem como suas escolhas. Apresentaram falas a respeito da desconstrução desses papéis que ocorrem na atualidade, onde principalmente mulheres e filhos/as de mães solas foram mais enfáticos e intolerantes, trazendo reflexões sobre violência de gênero e sexismo.

Por volta de um terço desses adolescentes apresentam concepções internalizadas vinculadas a aspectos morais como justificativa para a solidificação de papéis impostos pela sociedade.



**Atividade sobre papéis de gênero, com adolescentes.
Rio de Janeiro - Brasil, 2022.**

Gênero é onde separa as pessoas em caixinhas. Na minha cabeça a sociedade já coloca um monte de regras, principalmente para as mulheres, dizendo que as mulheres têm que ficar em casa para cuidar dos filhos, têm que casar, que lavar a roupa, têm que cuidar do marido, e o homem tem que trabalhar. O homem pode sair de casa, pode fazer a festa, e a mulher, as pessoas não permitem porque ela tem filho e várias outras coisas. No trabalho as pessoas também falam muita besteira quando uma mulher que tem filho trabalha, diz que ela abandonou os filhos para fazer coisas que ela não devia, enfim.

Mayrê, 12 anos.

Israely é bem direta sobre os papéis de gênero na sociedade, então fala que:

A mulher pode trabalhar pesado sim. A mulher não é só para cuidar da casa não. Todos nós temos direitos iguais. Acho isso uma porcaria.

Iris complementa as falas já colocadas por outros adolescentes. Assim, diz que:

Eu acho isso um porre, cada um devia ter direitos iguais, se uma mulher quiser carregar peso, carrega. Se o homem quer carregar peso, carrega também. A pessoa pode ser o que quiser, e fazer o que quiser.

Até a gente mesmo quando olha acha estranho alguma coisa que é dos dois, a gente pensa “isso é de homem”, “isso é de mulher”. Tipo a maquiagem, eu acho que é de mulher, mas eu sei que tem homem que usa.

Ana.

Meu avô fica falando que minha mãe é sapatão porque viu ela colocando o piso. E ele é gay hein?!

Maria Eduarda.

Alguns adolescentes destacaram algumas opiniões que enfatizam os papéis de homem e mulher na sociedade.

A mulher tem que fazer tudo para não estressar o homem. A mulher deve satisfação ao marido.

Denis.

Homem tem que ajudar a mulher, e não a mulher fazer tudo sozinha e levar o peso nas costas.

Tárcio.

Homem deve ajudar nas coisas de casa, mas não é obrigado. Obrigação do homem é trabalhar.

Bianca.



**Roda de conversa realizada com adolescentes.
Fortaleza - Brasil, 2022.**

4. O que o/a adolescente pensa sobre relações homoafetivas?

No geral as narrativas dos grupos baseiam-se no respeito. No entanto, por um lado, em alguns depoimentos a homoafetividade é relacionada a um estereótipo sexualizado e de baixa moral.

Eu só acho que não pode dois homens fica se beijando na frente das crianças pequenas que se e não acaba influenciando e elas pode virar também quando crescer (sic).

Chesley Jeová.

Ih sai fora, da licença tem que vir aqui pra ficar falando essas coisa, não tenho nada pra falar não (sic).

Sthefano.

Acho uma falta de respeito com Deus (sic).

Nicolly.

Por outro lado, a maioria dos/as adolescentes defendeu a importância da educação para a mudança da sociedade e que as pessoas têm direito de escolher com quem querem se relacionar. Alguns deles também questionaram os padrões de relacionamentos heteronormativos.

As relações homoafetivas são tão românticas como qualquer outra (sic).

Davi Rodrigues.

Respeito, assim como eu homossexual, eu também gosto.

Jennifer.

São meio estranhas mas se as pessoas gostam disso, então está tudo bem.

Larissa.

Eu não acho nem certo e nem errado, eu só vivo, apoio quando existe amor entre duas pessoas, não importa o gênero, ou a sexualidade, acho bonito as relações que eles constroem. Viva o amor.

Camila, 16 anos.

Se ver eles verem dois homens de mãos dadas na rua eles querem bater. Bater até morrer mesmo.

Luyane.

Acho que tem que educar as crianças, porque os velhos já não tem mais jeito. É o futuro. Falar com as crianças, com os jovens, falar que não tem que fazer cara feia se ver, estranhar. E aí futuramente, pode ser que normalize.

Delano.

EIXO CUIDADO E PROTEÇÃO

1. Qual o lugar que mais gosta de estar?

As crianças, em geral, deram respostas variadas em relação aos lugares que gostam de estar, optando expressivamente por lugares onde possam brincar.

Em casa.

Dois meninos.

Na roça para brincar com os animais.

Menino e menina.

Nas irmãs carmelitas porque tem muitas brincadeiras e esportes.

Três meninos e três meninas.

Na escola, porque tem muitas atividades.

Um menino e uma menina.

Os/as adolescentes destacaram a casa como ambiente primário para estar, como um local de proteção e refúgio da insegurança das ruas.

Em casa porque ninguém me incomoda e eu durmo.

Brenda.

Gosto de estar com meus amigos e com minha namorada, porque eu me divirto e me sinto leve.

Jennifer.

Casa, porque eu me sinto protegido.

Leandro.

O lugar que mais gosto é o meu quarto, pois tenho paz, me sinto bem, sozinha. Quando saio com meus amigos para algum lugar, para uma festa com pessoas que gosto e sei que tem energias boas, e o outro lugar é quando venho para o Curumim, que toco com a batucada, me sinto livre e mais viva, pois é através da arte que eu tiro minhas energias, renovo minhas forças.

Estefany S. Tenório da Silva - 12 anos.

Outros adolescentes ressaltam principalmente locais onde possam realizar atividades de lazer e estar com pessoas nas quais têm afeto, liberdade e sintam segurança.

Eu coloquei a igreja, e coloquei o Cedeca.

Maria Eduarda, 18 anos.

O terreiro, me sinto bem lá. No Centro, no Cedeca. Gosto da praia, mas tomar banho, não pra pegar sol.

Lorrainy, 18 anos.

A igreja, e um sítio que fica em Santa Cruz, eu acho, que tem natureza, lá é muito calmo.

Ana Beatriz, 18 anos.

Espaços públicos que permitem o contato com a natureza e o sol também foram mencionados.

Gosto de ir à praia também, e de ficar com a minha namorada. A praia é por causa da energia, que é bom, todo mundo gosta de praia. A casa da minha namorada é por causa da troca de afeto que a gente tem.

Delano, 18 anos.

O lugar que mais gosto de estar é na praia porque eu posso renovar minhas energias.

Yanne, 14 anos.

Outros lugares mencionados foram aqueles que produzem sensação de bem-estar, como a prática de exercícios, dança e atividade intelectual.

Eu me vejo aqui na academia, pois é um lugar onde eu posso brincar, desabafar, rir, chorar, perturbar as meninas, ver o sorriso delas, ver o brilho no olho.

Mayrê, 12 anos.

O lugar que eu me sinto bem é no sebo, onde vende livros usados, pois consigo uma variedade de livros, o segundo lugar é no meu terreiro, porque a energia é positiva, e o terceiro lugar é no Curumim porque me sinto bem só em estar aqui.

Dewanda, 14 anos.

No forró, porque me anima, eu danço, interajo com todo mundo, entendeu?

Ryan.

2. Qual o maior medo que a criança/adolescente tem na vida?

As crianças destacaram medos relacionados a perder suas mães e de seres inanimados e animais, como, por exemplo, de espíritos, fantasmas e outros personagens.

De palhaço.

Menina.

De cobra, sapo grande, lobisomem, de quebrar o braço, a perna ou a cabeça, de leão, de raposa e de onça.

Menino.

De escuro e barata.

Menino.

De escuro e de bicho.

Menino.

De gente malvada ou uma pessoa que mata alguém.

Menina.

De ladrão que rouba e dá um tiro na cabeça.

Menino.

No que diz respeito aos adolescentes, a maior parte do grupo demonstrou medo, **a)** em perder alguém da família e da violência, como um todo, especialmente policiais, no contexto de comunidades vulnerabilizadas.

Perder minha mãe, irmãos e meus sobrinhos. E também crescer e não realizar meus sonhos e não dar orgulho a minha mãe.

Samile.

Eu tenho medo de perder as pessoas que eu amo. E medo assim, dessa coisa de vida de adulto, de não ter a minha própria casa, de ter filhos. De não saber o que vai acontecer no futuro. Tenho muito medo de uma pessoa próxima morrer. Sabendo que a qualquer momento pode acontecer alguma coisa.

Ana Beatriz.

Meu maior medo é de morrer. Sei que eu vou morrer um dia. E de perder meu avô, ele tá muito doente, eu acho que ele vai morrer. Mas não agora, não quero que ele morra agora. Só isso.

Pedro.

Quando eu morava na Serrinha (favela em Madureira), lá dava muito, muito tiro, muito tiro. Aí minha sobrinha pequenininha ela tem trauma de tiro porque quando a gente morava lá. Uma vez que a Bope entrou lá em casa começou a dar tiro e os bandido tava no meu quintal, e minha sobrinha desde pequenininha e cresceu, ela tem pavor de tiro.

Luyane.



Adolescentes realizam atividades construindo um cartaz contendo seus maiores medos na vida.
Rio de Janeiro - Brasil, 2022.

Muitos depoimentos seguiram alguns eixos, **b)** demonstraram medo de expor suas opiniões publicamente e sofrer retaliações, como no ambiente familiar e na escola, por exemplo.

Eu acho que em nenhum lugar estamos protegidos porque todo lugar é perigoso, sempre tem alguém ali criticando, julgando ou então para fazer maldade. Comigo, o lugar que eu me sinto menos segura é na rua quando eu estou sozinha à noite, sem a companhia de ninguém, assim como Camilla falou, é... muitos olhares que incomodam bastante, assédio, muito “psiu”, essas coisas e palavras desnecessárias.

Ellen Sampaio.

Eu me sinto desprotegida quando eu tento demonstrar os meus verdadeiros sentimentos. Eu fico com aquele sentimento de rejeição, de a pessoa não me aceitar como eu sou, e geralmente eu me sinto desprotegida também nas ruas, onde passam vários homens, porque isso acontece comigo direto... ficam me assediando, ficam me olhando com um olhar, tipo assim, que incomoda, e é isso.

Camila.

O lugar que eu me sinto mais desprotegido é no meio da sociedade, perto de pessoas, principalmente porque o que se passa na minha cabeça eu não sei como falar para as pessoas, então sempre que eu falo, tenho que ver o que eu falo, como falo e do jeito que eu falo, então assim eu me sinto desprotegido quase sempre.

Uemerson.

c) Algumas pessoas negras enfatizaram o medo de sofrer racismo e perseguição em locais privados e públicos, como o exemplo a seguir:

Geralmente eu fico inseguro quando eu vou comprar algo para mim mesmo ou para a minha mãe na rua, tipo, eu entro em qualquer loja e eu já me sinto desprotegido por causa da segurança. Por ser um adolescente negro, magro, e como a comunidade de hoje em dia é muito preconceituosa eu já fico inseguro. Isso já aconteceu comigo uma vez quando eu cheguei nas Lojas Americanas e o segurança ficou literalmente de junto de mim, e todo lugar que eu ou ele ia atrás de mim ou ele não tirava os olhos de mim, e eu percebi isso então eu resolvi não comprar nada e ir embora. Eu estava com minha identidade, e ele poderia ver que eu era menor de idade mas do mesmo jeito eu fiquei com medo e preferi sair do local e me prevenir, sabe?

Matheus.

d) A maioria das adolescentes mulheres destaca enfaticamente medo por ter sofrido ou vir a sofrer algum tipo de violência sexual grave e uma profunda sensação de insegurança ao andar na rua sozinha.

O meu maior medo são os traumas que eu vivi. Vivi três anos com minha irmã e o agressor dela, eu presenciei tudo! Essa é uma parte dos meus traumas que mais me marcou e eu tenho medo disso.

Yami, 13 anos.

Esse medo pode parecer um pouco besta, mas o meu maior medo é de homens, por causa das coisas que eu passei na infância. Eu passei a ter medo de toques, palavras etc. E ainda não consigo confiar em muitos deles.

Raquel.

3. O que é mais difícil na sua vida?

Essa pergunta não se aplicou em relação às crianças durante a realização das atividades pelas equipes não considerarem adequada em relação às idades no momento.

Com relação aos adolescentes, as respostas foram majoritariamente voltadas às suas subjetividades e a necessidade de serem aceitos pela sociedade, ouvidos e respeitados pelos familiares que convivem diariamente em relação às suas demandas pessoais, questões emocionais e mentais.

Viver, essa é minha maior dificuldade. Acordar todo dia, matar um leão, me esforçar para ser eu mesma e mesmo que existam várias versões de mim, viver todas elas, é sempre minha maior dificuldade.

Daniely.

Na minha família tem uma grande dificuldade financeira. Mas eu acho, que minha maior dificuldade não seja essa, mas sim expressar os meus sentimentos. Eu tenho um bloqueio emocional muito grande, e acabo ficando ansiosa.

Raquel.

Minha família.

Larissa.

Eu mesma, eu sou demais e isso é horrível. Tenho um monte de falhas.

Samile.

O fato de eu ser muito indecisa, bipolar, sentimental e grossa ao mesmo tempo.

Jennifer.

Ser desrespeitado, porque às vezes, muitos na minha escola me chamam de viado, mas eu não sou.

Yago.

Acho que o mais difícil é equilibrar o desejo que a gente quer pra agora com o que vem depois. Tipo, estudar ou ficar na rua, exemplo. Pra mim é mais difícil equilibrar.

Delano.

Pra mim é difícil trampa, não consigo serviço de jeito nenhum, já entreguei um pá de currículo e nada (sic).

Bruno Santos.

O mais difícil para mim, também como Rayane, é aceitar que eu perdi uma pessoa na qual me cuidou como ninguém, que foi minha mãe. Eu a perdi quando tinha nove anos de idade, foi minha mãe de criação. Minha mãe de sangue faleceu um ano depois, fica mais difícil eu aceitar que eu perdi alguém e ficar me culpando por ela ter ido embora. Até hoje eu fico com esse aperto no coração.

Yanne, 14 anos.

O grupo de adolescentes portadores de deficiência destacou questões importantes sobre acessibilidade:

Andar nos lugares sem calçadas e sem rampa (falta de acessibilidade).

Não estudar, por falta de estagiário para ajudar.

Pessoas insensíveis com a causa da pessoa com deficiência.

4. Se fosse presidente do Brasil e pudesse mudar algo, o que faria?

Das crianças que conseguiram elaborar respostas a essa pergunta, ficou evidente que fazem uma leitura do mundo que as cerca, mas também ampliam o seu olhar para os problemas existentes no Brasil, identificando soluções e se sentindo parte dessa mudança necessária. As respostas mais frequentes foram relativas à melhoria de vida para as pessoas pobres, bem como às que sofrem violências, estão em situação de rua e insegurança alimentar - fome.

Acabaria com a fome.

Daria comida para as pessoas que passam fome.

Daria casa para as pessoas que moram nas ruas.

Acabaria com a violência.

Faria boas escolas e melhorava a educação.

Prenderia pistoleiros que matam índios e matariam aqueles que desmatam as florestas.

Dava um lugar para as crianças que estão na rua.

Menina.

Aumentava o dinheiro do auxílio governamental.

Menino.

Baixava o preço do aluguel.

Menino.

Mandava todo mundo tomar a vacina da Covid.

Menino.

Do mesmo modo, os/as adolescentes demonstraram preocupação em mudar problemas sociais estruturais no Brasil. As discussões abordaram a melhoria na qualidade de vida de todas as pessoas; os temas versaram sobre empregabilidade, educação, saúde, segurança para todas as pessoas, entre outros.

Construiria casas, escolas, unidades de saúde e hospitais, daria casa às pessoas que vivem em situação de rua, melhoraria a rede pública, colocaria mais policiais nas ruas, aumentaria o valor da pensão alimentícia, diminuía o preço da comida.

Tárcio.

Tamparia os buracos das ruas para as pessoas que usam cadeiras de rodas passarem, transporte melhor pra todo mundo.

Denis.

Deixaria tudo mais barato, energia elétrica e água gratuita, mais vacinas, investir na robótica, distribuiria mais livros, tabletes e computadores para os alunos da rede pública de ensino.

Carlos.

Minha primeira mudança seria na segurança, principalmente contra o tráfico. A única estratégia que eles usam é de operação, operação, operação. Sendo que a maioria, não a maioria, mas quem sofre sempre é o morador, que não pode sair. Porque o traficante morre, mas depois vai ter outro no lugar. Então a estratégia que eu mudaria seria a educação, eu acho que com a educação a gente pode combater o crime.

Delano.

Eu mudaria a merenda escolar porque muita criança vai pra escola porque não tem o que comer em casa. Tempo integral nas escolas, não só pra ajudar os pais, mas pra eles focarem nos estudos.

Maria Eduarda.

Eu melhoraria a saúde, as clínicas da família, meu deus, não tem médico. Só tinha no começo. A educação porque eu vejo que muitos jovens não sabem nem ler e escrever direito. Aumentaria a oportunidade de trabalho tanto pra quem tem diploma e tals. Tanto pra quem não tem experiência nenhuma. Tentaria melhorar a segurança porque eu

não me sinto nem um pouco segura. E leis mais severas para que possam diminuir algumas coisas.

Ana Beatriz.

Mais hospitais, mais médicos porque falta muito no posto, mais hospitais grandes. Mais vagas de emprego. Fora Bolsonaro. Mas já vai sair já, porque vai ser Lula. Mais liberdade porque a gente não tem.

Keven.

A realidade do Brasil.

Brenda.



Crianças e adolescentes refletem sobre o que fariam se fossem presidentes/as do Brasil.

Rio de Janeiro - Brasil, 2022.

Se eu fosse presidente do Brasil, eu baixava mais os preços das coisas, estão muito caras, para a maioria das pessoas terem o que comer dentro de casa. E a saúde também, contratava mais médicos, ajeitava os hospitais públicos.

Yialodê, 13 anos.

Se eu fosse presidenta do Brasil, e pudesse mudar alguma coisa eu legalizava o aborto. Eu baixaria o preço das coisas, porque está tudo caro e o dinheiro não dá.

Estefany, 12 anos.

Muita coisa a começar, pela discriminação e preconceito, mas, são construções sociais. Criava projetos para acabar com a fome, moradia para todos e mais projetos de educação.

Zaila, 13 anos.

Abriria um Bom Prato em todos as cidades brasileiras, porque a comida é maravilhosa e salva muita gente da fome (sic).

Chesley Jeová.

5. Qual a pessoa em que mais confia/sente segurança, dentro e fora de casa?

As crianças afirmaram sentir-se mais seguras com suas mães em primeiro lugar, seguido de familiares em casa, na escola com suas professoras e dos projetos nas quais são contempladas.

Minha casa tem um muro alto, ninguém consegue entrar, mas se alguém entrar tem 2 pessoas esperando: meu pai e meu irmão.

Menino, 8 anos.

Na casa tem cerca.

Menino, 8 anos.

Confio no meu irmão porque ele entrou no exército e tem uma arma.

Menino, 9 anos.

Eu confio nos dois, no meu pai e na minha mãe.

Menino, 8 anos.

A maior parte dos/as adolescentes declararam confiar na mãe, em seguida de familiares e amigos. Em terceiro lugar, em profissionais das organizações participantes. O maior receio em relação à família é a falta de acolhimento das questões individuais de cada um, seus pensamentos e opiniões.

Eu confio em duas pessoas, minha véia e minha namorada (sic).

Chesley.

Mary, minha melhor amiga (sic).

Davi Rodrigues.

Minha mãe (sic).

Nicolly Vitoria

Meus pais e minha namorada.

Jennifer.

Me sinto segura dentro de casa com a minha mãe, porque eu posso contar todos os meus segredos para ela que ela não vai contar para ninguém, ela vai guardar só para ela. Fora de casa. A minha tia, se eu contar os segredos para ela, eu acho ela não vai contar para ninguém. Ela também vai aguardar segredo.

Yialodê, 13 anos.

A pessoa que mais confio é a minha mãe, porque eu confio em contar tudo para ela, como se fosse a minha melhor amiga. Agora fora de casa, meu padrinho, porque qualquer coisa que eu preciso dele, ele sempre está lá para me ouvir, para me escutar, sempre está me apoiando.

Mayrê, 12 anos.

Mãe e tio.

Leandro.

Dentro de casa eu só confio em mim mesma, pois não sinto segurança em ninguém. Fora de casa, eu confio muito na minha prima, Ketheley, tudo eu posso contar com ela. E confio muito na tia Dani e na tia Carol também, em Yamim, Dwanda, Rayane, meu melhor amigo e na minha, e melhor amiga, porque eles sempre estão comigo.

Estefany, 12 anos.

Eu não confio em ninguém na minha casa, porque eu não me sinto segura com minha mãe e nem meu pai. Mas assim, fora de casa eu posso contar com uma pessoa que não vai me julgar, Yamim, essa é a minha melhor amiga, e a minha tia, que foi uma das primeiras pessoas que eu contei que eu era uma pessoa trans não binária, e ela falou, não importa o que você seja, vou continuar do seu lado e isso me fortaleceu. São elas que eu realmente confio fora de casa, e me sinto segura porque elas cuidam de mim.

Dewanda, 14 anos.

Minha melhor amiga Mikaelly e meu amigo Gabriel, porque ele é o único homem que eu consigo confiar, mas a principal é a Evelyne (assessora técnica de Terre des Hommes Brasil), ela é uma pessoa incrível e eu sei que sempre posso contar com ela para tudo, então eu acho que de todas elas, é a pessoas que eu mais confio.

Raquel.

6. Qual foi o momento mais feliz da vida dela?

A maioria das crianças relata momentos em família em um contexto de lazer, fora do território, como momentos muito felizes. Quando viajam para algum lugar com os pais, vão para a casa de familiares.

Quando eu ganhei um computador.

Menino.

Quando eu viajei com a minha família todinha.

Menina.

Quando eu viajei para Recife com a minha mãe.

Menina.

Quando eu fico em casa com as minhas tias.

Menina.

Para os adolescentes, boa parte relacionou o momento mais feliz com a família e as conquistas. Nota-se que quase 100% dos momentos felizes vêm do campo da subjetividade, como podemos ver nos trechos abaixo.

O momento mais feliz da minha vida, foi quando meu irmão nasceu.

Mayrê, 12 anos.

O momento mais feliz da minha vida foi quando eu consegui me abrir para o meu pai e contar para ele que sou bissexual, foi um momento muito, muito feliz mesmo, para mim, pois achei que ele não queria me aceitar e ele aceitou.

Esthefany.

Quando minha priminha preferida nasceu, ela me salvou e nem sabe.

Brenda.

O nascimento do meu irmão.

Jennifer.

Quando conheci minha melhor amiga.

Larissa.

Quando eu finalmente consegui sair sozinha, comprar coisas para mim e me tornar independente. Me senti assim, é maravilhoso.

Iris.

O dia que sai da Fundação, não dá nem para falar, estava contando as horas (sic).

Chesley.

Quando participei da Parada Gay em Diadema, me senti livre e igual a todos que estavam lá (sic).

Davi.

O dia que ganhei minha liberdade.

Nicolly.

Quando, tipo eu joga bola já há uns quatro anos e a minha mãe nunca foi ver eu jogar e nesse campeonato que eu fui, eu não sou titular, só às vezes que eu sou titular, aí teve um único jogo que a minha mãe conseguiu ir ver e eu entrei como titular.

Helielton.

Foi quando eu saí pro parque aquático com a minha família, Magic City, foi muito legal, o mais legal foi que tava com toda minha família, só não foi o meu pai e o meu irmão mais novo, mais foi bem divertido.

Jhonny.

Eu ainda tenho só 15 anos eu ainda vou viver muito, mas o momento mais feliz da minha vida foi quando o meu irmão Fernando nasceu, eu que escolhi o nome dele.

Ryan.

CONCLUSÃO

O Relatório Participativo sobre os Direitos da Criança e do Adolescente, organizado pela sociedade civil e apresentado ao Comitê de Direitos da Criança da ONU, é uma importante ferramenta para acessar, compreender e visibilizar, a partir das escutas, a percepção das crianças e adolescentes brasileiros sobre as realidades e violências com que precisam lidar em seu cotidiano nos diversos contextos em que o Brasil se apresenta como sociedade.

Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa junto a 12 organizações parceiras de KNH, com foco direcionado às suas percepções sobre identidades racial/étnica e de gênero, proteção e cuidado. Utilizaram-se técnicas de coleta de dados quantitativas e qualitativas. Durante os encontros, ocorreram desde atividades que permitiram fluidez no processo, como rodas de conversa, jogos, dinâmicas de grupo, desenhos, contação de histórias, entre outras; até a aplicação de um questionário socioeconômico fechado, que possibilitou a geração de dados padronizados sobre as crianças e adolescentes.

Nesse sentido, foi possível acessar de forma mais ampla o conhecimento das crianças e adolescentes no que diz respeito aos seus direitos assegurados pela CDC, com foco na proteção e cuidado. Isso possibilitou que crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade exerçam o direito à participação.

Este Relatório Participativo também está subsidiando uma lacuna quanto à produção de dados seguros sobre a

situação das crianças e adolescentes no país, a fim de que sejam utilizados e incorporados pelo Estado brasileiro e sociedade civil no que diz respeito à realização de possíveis boas práticas de prevenção a violências e garantia de direitos.



ISBN:

ISBN: 978-65-88277-02-7



Parceria:



miserereor
GEMEINSAM GLOBAL GERECHT

Apoio:



Realização:

